



Bruna Barros

Tiozinho maoísta

Um porre de megalomania e desorientação nas memórias de Alain Badiou

Mario Sergio Conti

Journalista, é autor de 'Notícias do Planalto'

Alain Badiou é um filósofo, romancista e dramaturgo francês que nasceu no Marrocos. Um dos fundadores da Universidade de Vincennes, é professor emérito da prestigiada Escola Normal Superior. Tem 86 anos e escreveu mais de cem livros. Sim, cem. Um deles, "O Ser e o Evento", foi traduzido "urbi et orbi" e é considerado, ao menos num punhado de faculdades norte-americanas, um mar-

co da filosofia. A obra e a idade, contudo, não lhe conferiram a aura de sábio. Porque, além de estar na contracorrente, Badiou é um provocador. É com cadência mensal que pontifica na imprensa. Quem poderia dizer algo controverso sobre a imigração de africanos e árabes, que incitou a xenofobia e a extrema direita na França? Chama o Badiou. Ele se opõe do microfone; não diz a palavra migrantes e

prefere "proletariado nômade". Ele afirma que a classe sem nação é feita de trabalhadores e famílias miseráveis que fogem de guerras; arriscam-se a naufragar no Mediterrâneo; são tidos por terroristas islâmicos pela cristandade; clandestinos, têm de aprender uma nova língua; caçados pela polícia, são enxotados de volta. Alguém tem algo a dizer sobre eleições? Badiou tem. Fala que esquerda e direita se alter-

nam desde o pós-Guerra e engessaram a França; que Mitterrand, Giscard e Sarkozy gerenciam declínio contínuo; que a democracia ilude, piora a vida, e é preciso melhorá-la já. Como palpita em tempo integral, às vezes é instigante. Suas ideias sobre feminismo e ecologia, por exemplo, afrontam a catilíndria consensual em voga; não aderem à ideologia patriarcal nem ao lero-lero desenvolvimentista.

Badiou vem de publicar na França "Mémoires d'Outre-Politique". O livro combina a exposição — detalhada — de suas atividades inconsequentes com petulante autoglorificação.

Resumindo: como fez tudo certo na teoria e na prática, é irritante que a esquerda, a França, a Terra e o sistema solar não perceberam. Coquetel de empáfia com voluntarismo, é um porre de megalomania.

Badiou é um maoísta, apesar de a China ter abandonado o grande timoneiro há quase meio século. Seu ideário é o dos dez anos da Revolução Cultural, iniciada em 1966. Foi quando, contestado pela direção do Partido Comunista, Mao atirou a juventude contra ela. Em torno de 22 milhões foram assassinados.

"Memórias d'Além Túmulo" tem incontáveis citações de "O Livro Vermelho", o missal maoísta: contradições no seio do povo; o imperialismo é um tigre de papel; ousar lutar, ousar vencer. São citações abstratas, não têm a ver com a China.

O fulcro do livro é uma França específica, a de maio de 1968. Ele era professor de liceu em Reims. Um dia, participou de uma passeata estudantil até uma fábrica, onde confraternizou com operários. Como o apóstolo Paulo na estrada de Damasco, Badiou teve um troço, viu a rubra luz. Mao.

Tinha 31 anos. Para os padrões da época, era um tiozinho com percurso típico de intelectual francês. Defendete-se, publicara um romance, militava em um partido de esquerda, o Socialista Unificado, casara-se e procriara.

O futuro lhe era previsível, ainda que um tanto bifurcado.

Podia seguir carreira universitária e ser chefe numa faculdade de filosofia, um burocrata autor de livros. Ou então faria política como o pai, um herói da resistência que fora eleito de Toulouse por 14 anos; seria eleito para algo no Estado. Maio e Mao o mudaram.

Foi transferido para a cidade de Paris, largou família e prole e se entregou às delícias do sectarismo puro e duro. Fundou a portentosa União dos Comunistas da França — marxista-leninista. Ele e um amigo ocuparam os cargos de direção do grupúsculo; duas amigas serviram-lhes de base.

A primeira missão, crucial, era combater o revisionista, e portanto pestilento, esquerda proletária, outra seita maoísta. A União dos Comunistas tumultuava peças de teatro e filmes considerados reformistas — como "Lacombe Lucien", de Louis Malle, coitado.

Badiou relata essas coisas com orgulho. De passagem, porém, conta que, no auge, a União dos Comunistas teve 600 aderentes, a maioria estudantes. Como o grupo acabou, ainda bem que não abandonara a universidade.

Pôde ser aquilo para o qual estava fadado: professor e autor.

Na última frase, na qual anuncia o segundo volume das "Mémoires", Badiou promete "clarificar o que deve ser, e será, a próxima etapa do comunismo universal". Se não fosse ridícula, a frase seria tocante. Mostra a quantas anda de desorientação na terra de Montaigne, Rousseau e Sartre.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Wilson Gomes | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamil Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti



Bailarinos em cena de espetáculo da São Paulo Companhia de Dança, que encerra a temporada deste ano neste domingo, no Teatro Sérgio Cardoso, em São Paulo | Ari Davies/Charles Lima/Divulgação

Shows da SPCD unem Matisse e 'Blade Runner'

Grupo combina 'Eu Mudei de Ideia', de Shahar Binyamini, com o clássico dos palcos 'Suite de Paqueta' e o telúrico 'Ibi'

TEATRO

'Suite de Paqueta', 'Ibi: Da Natureza ao Caos' e 'Eu Mudei de Ideia'

Teatro Sérgio Cardoso - C. Rui Barbosa, 153, São Paulo. Livre. Sex., às 20h; sáb., às 16h e às 20h; dom., às 17h. Até 25 de junho. R\$ 50 a R\$ 80

Iara Biderman

Uma massa humana maleável se aglomera no palco. Humana? Os bailarinos da São Paulo Companhia de Dança, com um figurino colado à pele que forma novas linhas e curvas no corpo, podem ser alienígenas, animais, seres fantásticos.

Em "Eu Mudei de Ideia", coreografia do israelense Shahar Binyamini para a SPCD, o figurino também dança.

As manchas azuis que transformam os corpos dos bailarinos criam não só ilusões de ótica, mas novas formas coreográficas nas ondas que levam um movimento ao outro e conectam o coletivo no palco, como sinapses. Os corpos redesenhados remetem às mulheres da série "Nu Azul", do pintor Henri Matisse e, vagamente, a figurinos de acrobata criados por Pablo Picasso para "Parade", coreografia de Leonide Massine de 1917 para os Ballets Russes.

São imagens depositadas em algum subconsciente coletivo de referências artísticas. Já visso em algum lugar? Não, em 1917 você nem era nascido. Tudo isso Binyamini pode ter usado com ou sem intencionalidade, e o público pode

ou não decifrar. Mas estão ali, reconhecidas ou não.

"Eu Mudei de Ideia" é uma dança suavemente hipnótica, que leva o espectador para um presente carregado de passado e futuro. No aqui e agora do palco, uma linha do tempo imaginária une as técnicas do balé clássico às contemporâneas de forma orgânica.

Binyamini, formado na companhia israelense BatSheva, foi professor de gaga, técnica criada por Ohad Naharin, ex-diretor do grupo, que explora a conexão das sensações, do movimento e da energia interna com a do grupo.

Em carreira solo como coreógrafo e diretor, Binyamini criou técnica própria, chamada creature, centrada nas qualidades do movimento e

na organização da energia instintiva dos corpos dançantes.

Na coreografia para a SPCD, sobressai a energia coletiva, intercalada por ótimos passe-doux nos quais a tensão sexual é embalada na fluidez dos corpos entrelaçados. A força do grupo dançando junto e ocupando o palco em todos os sentidos remete a uma dança tribal. Ou será zvez? No passado do futuro, a música-tema do longa "Blade Runner" toca alguma corda na memória cultural do espectador.

Única estreia da companhia na última semana da temporada que se encerra neste domingo, "Eu Mudei de Ideia" se insere no programa iniciado com a clássica "Suite de Paqueta", de Marius Petipa, remontada por Diego de Paula.

A criação de Binyamini vem logo depois de "Ibi: Da Natureza ao Caos", de Gal Martins, estreada no ano passado na final da Temporada de Dança do Teatro Alfa. A sequência cria novas linhas de continuidade.

O programa que começa aéreo, com o clássico europeu em seu cenário de corte — candelabros de cristais descendo do teto e cortina de veludo vermelho ao fundo — desce ao solo com "Ibi" e passa para o movimento espiral de "Eu Mudei de Ideia".

Nesta sequência, as criações da brasileira Martins e do israelense Binyamini fazem mais sentido — e a sensação de dança tribal do último tem a ver com as pesquisas de Martins sobre ancestralidade.

Faz sentido a ordem da pro-

gramação, e diz algo da proposta da SPCD, uma companhia de repertório que vai do clássico ao contemporâneo.

Se a escolha das coreografias tem a ver com variáveis que vão do conceito da temporada a questões orçamentárias, há aparentemente uma preocupação em juntar as pontas neste programa. Da dança de planos (ar, terra, ondas) ao desenho de luz, aberto em "Paqueta", crepuscular em "Ibi" e sempre mudando de ideia na coreografia final — como fazem os figurinos, a iluminação de "Eu Mudei de Ideia" transforma os corpos e os movimentos — que, em determinado momento, retorna ao veludo vermelho de "Paqueta", desta vez transformado em uma parede de luz.